

O atual metabolismo social do trabalho e a precariedade do mundo humano

The current social metabolism of work and the precariousness of the human world

Valeria Lucilia Forti* 

Monica de Jesus Cesar** 

A edição nº 56 da *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea* apresenta o dossiê temático Crise, Questão Social e Serviço Social, com o objetivo de divulgar artigos que abordam aspectos pertinentes a esse tema e visando adensar e socializar o conhecimento produzido por meio de estudos e pesquisas acerca das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais ocorridas no Brasil e/ou mundialmente. Isso, especialmente, porque, nas primeiras décadas do século XXI, o capitalismo vem dando sinais do esgotamento de suas possibilidades civilizatórias. Como sabemos, esse modo de produção comporta uma relação social que impõe a subsunção formal e real do trabalho. Contudo, isso se mostra exacerbado sob a regência neoliberal – o denominado ultraneoliberalismo –, uma vez que a inerente característica exploradora/expropriadora desse modo de produção foi potencializada. Segundo Dardot e Laval (2016), pode até ser considerado que o neoliberalismo vem sendo assumido como construção histórica e norma geral da vida.

As tendências e contradições do referido modo de produção tomaram expressivo fôlego e se expandiram, constituindo o mundo da informalização com a informatização, da “dinâmica tecnológica” do trabalho, em que a desregulamentação das leis trabalhistas, bem como o declínio da proteção social e do poder das associações sindicais alicerçam a indústria 4.0, a uberização do trabalho, o trabalho em plataformas digitais, o proletariado de serviços da era digital, conforme nos explicita Antunes (2020, 2018). Com isso, pode ser afirmado até que o controle e a manipulação nas diferentes e mais recônditas esferas da vida social tornaram-se as linhas mestras do desenvolvimento do capitalismo contemporâneo. Quanto a isso, no pensamento de

EDITORIAL

<https://doi.org/10.12957/rep.2024.86517>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: vforti17@gmail.com.

**Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: mojcesar@gmail.com.

Como citar: FORTI, V. L.; CESAR, M. J. Editorial. O atual metabolismo social do trabalho e a precariedade do mundo humano. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 56, pp. 10-14, set./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2024.86517>.



© 2024 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Alves (2011), pode-se captar que as novas relações flexíveis de trabalho promovem mudanças significativas no metabolismo social dessa atividade, o que altera a sociabilidade e a autorreferência pessoal, ou seja, implicam elementos essenciais do processo de formação do humano-genérico.

Vivemos em uma sociedade de capitalismo periférico e dependente. Assim, o que foi mencionado nos impõe um período deveras complexo, uma vez que o (ultra)neoliberalismo que orienta o aludido modo de produção potencializou a exploração do trabalho e, portanto, a violação de parâmetros caros ao mundo humano em prol da valorização do capital. Isso suscita a dramaticidade social decorrente das precárias condições de trabalho e/ou do nível de descartabilidade da força de trabalho presentes em larga escala, junto às patologias físicas e/ou mentais e à fome de segmento significativo da classe trabalhadora. Esses aspectos, agravados, foram predominantemente revelados no período pandêmico. Com isso nos referimos à intensificação de um processo em que a precariedade das condições de vida de grande parcela dos/as trabalhadores/as brasileiros/as já se caracterizava pela histórica informalidade do trabalho e pela incipiência da proteção social, haja vista o seu histórico escravista, de mudanças políticas “pelo alto” (1930, 1985) e de instabilidade democrática.

Em linhas gerais, pode-se considerar que o avanço do capitalismo sob a égide neoliberal erodiu o que, no nosso país, se tinha como uma espécie de neodesenvolvimentismo ou, se preferirmos, a tentativa de “retomada” de uma forma de programa industrializante da nossa última era ditatorial. Originariamente, foi um programa apoiado à época pela burguesia industrial e pelos trabalhadores em combate aos interesses imperialistas, uma vez que eram considerados obstáculos ao avanço da industrialização brasileira. Esse programa desenvolvimentista da era ditatorial civil-militar atendeu, simultaneamente, à burguesia e ao capital estrangeiro, que aderiu ao processo de industrialização dependente do Brasil e de outros países da América Latina – nossa menção é a uma forma de dependência defendida, inclusive, pelo Sr. Fernando Henrique Cardoso. Isso foi erodido, no capitalismo, sob a égide neoliberal, pois determinado segmento da burguesia brasileira, associado ao capital internacional, entrou em dissonância com os demais da sua classe que não tinham acordo com os interesses internacionais, o que veio fortalecendo uma dependência de outro tipo, tonificando a função primário-exportadora da economia e suscitando recuo no desenvolvimento industrial do país.

Enfim, desde o governo do Sr. José Sarney até a presente data, não obstante matizes distintos, não se avançou em prol da superação da lógica neoliberal, sendo irrefutável a ocorrência de períodos em que, particularmente nos governos petistas, houve importante melhoria nas condições materiais de vida dos indivíduos mais pobres, haja vista o aumento real do salário mínimo, a expansão do crédito e a ampliação das transferências de renda. Isso, inclusive, foi aspecto propulsor da revolta dirigida ao reformismo desse período

por parte de certos segmentos de classe. O reacionarismo expresso pela alta classe média, em face da pequena ascensão das camadas de menor poder aquisitivo possibilitada pela política econômica e social dos governos petistas, escancarou-se, levando até o Partido dos Trabalhadores a ser identificado como um inimigo fundamental entre os partidos de esquerda, devendo por isso ser combatido e eliminado. Esse aspecto se disseminou entre outras parcelas da população também insatisfeitas com as políticas petistas, podendo ser captado como ingrediente fundamental ao processo que desaguou no *impeachment* da presidenta Sr^a Dilma Rousseff, amalgamando o movimento neofascista à brasileira – movimento que apoiou a chegada e a permanência do Sr. Jair Bolsonaro na presidência do país. Evidentemente, foi um processo que, assentado em valores e posicionamentos antidemocráticos, trouxe um custo alto às políticas sociais, engrossando sobremaneira as expressões da “questão social”.

No contexto de crise, há um agravamento visível das múltiplas expressões da “questão social”, tais como: superexploração e precarização do trabalho, miséria, pobreza, fome, violência, segregação, opressão, expropriação no campo e nas cidades, com suas marcas de gênero, raça/etnia, geração, sexualidades etc. Sendo objetos de investigação e da intervenção profissional, tais expressões refletem intrínsecas desigualdades e dão sentido ao compromisso ético-político do Serviço Social, que preconiza o engajamento da categoria com movimentos e lutas sociais em prol da emancipação humana e contra as forças políticas retrógradas que buscam derruir as conquistas democráticas, as políticas públicas e os direitos sociais e humanos.

Como base nesses eixos temáticos, a edição nº 56 reuniu artigos que contribuem para o debate profissional crítico com reflexões profícuas para a ampliação do conhecimento sobre os desafios que, no capitalismo em crise, se interpõem para a profissão e a sociedade. Os artigos que compõem o dossiê temático estão organizados em dois blocos. O primeiro enfoca o debate sobre crise capitalista e “questão social” em diferentes recortes e o segundo se concentra na discussão do Serviço Social, enfatizando, sob vários aspectos, o trabalho profissional.

O artigo que abre o primeiro bloco é o de Marilda Vilela Yamamoto, que sintetiza sua exposição na Conferência Conjunta sobre Trabalho Social, Educação e Desenvolvimento Social (SWSD), realizada em 2024 na cidade de Panamá e organizada pelas entidades: Federação Internacional de Trabalhadores Sociais (IFSW); Associação Internacional de Escolas de Trabalho Social (IASSW); e Conferência Internacional de Trabalho Social (ICSW). O artigo aborda as transformações operadas no Serviço Social, num contexto de crise, enfatizando o reforço aos vínculos ético-políticos com os sujeitos sociais, em sua unidade de diversidades.

O artigo seguinte, de Milena da Silva Santos, trata dos limites absolutos do capital no processo de crise estrutural, a partir das formulações teóricas de István Mészáros.

O artigo de Rodrigo Castelo, Lays Ventura, Guilherme de Rocamora e Henrique Galdino analisa o atual ciclo de reprodução do capital no Brasil, chamado de padrão exportador de especialização produtiva, e as particularidades da “questão social” na região meridional do estado do Rio de Janeiro, com base no estudo da superexploração da força de trabalho na indústria automobilística. O artigo de Juliana Firmino Fonzar e Eugênia Aparecida Cesconeto discute os desafios e perspectivas da intersectorialidade no enfrentamento à pobreza rural como uma das expressões da “questão social”, a partir de estudo qualitativo e de experiência profissional na área de extensão rural. Finalizando o primeiro bloco, o artigo de Lilian Angélica da Silva Souza, Amabele Rodrigues Freire Montavoni Pereira e Luiza Guimarães Oliveira analisa as expressões da questão social sobre a educação pública no Brasil durante a pandemia da Covid-19.

No segundo bloco, o artigo de Gabriela Alves dos Santos aborda o racismo e o patriarcado na constituição da questão social no Brasil e a influência da eugenia no Serviço Social brasileiro como uma das manifestações do conservadorismo na gênese da profissão. Na sequência, Daiane Zanin e Jean Von Hohendorff abordam, em seu artigo, a percepção dos/as profissionais que atuam em Centros de Referência de Assistência Social (Cras) sobre o atendimento da política de assistência social às demandas de violação de direitos em municípios que não possuem o Centro de Referência Especializado em Assistência Social (Creas) ou equipe técnica específica. O artigo de Gênesis de Oliveira Pereira apresenta reflexões tecidas a partir da experiência de supervisão técnica desenvolvida com assistentes sociais do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), através de projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Francine Helfreich Coutinho dos Santos e Thayana Vianna Melo discorrem sobre a visita domiciliar como parte do instrumental técnico-operativo utilizado na atuação de assistentes sociais, propondo uma reflexão crítica sobre este instrumento e ressaltando sua historicidade, finalidade e consonância com as diretrizes do projeto ético-político da profissão. Encerrando o segundo bloco, o artigo de Jacqueline Tatiane da Silva Guimarães, Linda Gabrielle C. Monteiro e Luís Sidney N. Fiel discute a atuação do assistente social e a proteção da infância na Amazônia brasileira, tendo como lócus o município de Cametá (PA), que concentra famílias ribeirinhas e quilombolas.

A seção tema livre é composta por dois artigos. O primeiro, de Helena Lúcia Augusto Chaves, trata da relação entre trabalho e proteção social, problematizando a configuração do *workfare* em tempos de financeirização do capital e tecendo reflexões sobre a política social na relação entre Estado e sociedade. O segundo, de Ethol Exime, Clério Plein e Evandro Alves Barbosa Filho, analisa a permanência evolutiva da fome sob a ótica das intromissões externas contra a liberdade política no Haiti.

A entrevista desta edição foi feita por Juan Pablo Sierra Tapiro e Diego Martins Dória Paulo com Franci Gomes Cardoso, que possui admirável trajetória de vida e de

trabalho. Nossa entrevistada é reconhecida por sua valiosa contribuição ao Serviço Social, atuando como assistente social, professora universitária, pesquisadora e intelectual militante, com relevante produção acadêmica que confere solidez à fundamentação teórico-prática do Serviço Social.

Esta edição apresenta duas resenhas de obras fundamentais na atualidade. A primeira, elaborada por Guilherme Moraes da Costa, é do livro de Lise Vogel intitulado *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária*, publicado em 2022 pela Expressão Popular. A segunda, escrita por Sandhro Luiz de Almeida Abrahão, é do livro de Clóvis Moura intitulado *Brasil: as raízes do protesto negro*, publicado em 2023 pela Dandara Editora.

A homenagem de vida é para a Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FSS/Uerj), patrimônio histórico do Serviço Social brasileiro, que completou 80 anos. Graziela Scheffer e Carlos Felipe Nunes Moreira enaltecem, nesta homenagem, a trajetória histórica desta instituição de ensino contra os ventos e marés do conservadorismo, destacando o seu compromisso com a democracia e o seu pioneirismo na oferta de um curso noturno, viabilizando o acesso ao ensino superior às trabalhadoras e aos trabalhadores do Estado do Rio de Janeiro e de outras paragens. Vida longa para a FSS/Uerj!

Por fim, a mostra fotográfica apresenta o trabalho de Iasmin Mamede que, além de cursar a graduação em Serviço Social na FSS/Uerj, se destaca por seu trabalho como fotógrafa profissional. O trabalho de Iasmin reitera que a fotografia é produto do olhar do fotógrafo e que este olhar expressa repertórios de vida no momento da produção da imagem.

Desejamos que apreciem o instigante conteúdo publicado nesta edição!

Referências

ALVES, G. Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório: o novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha. *Revista da RET*, São Paulo, v. 5, n. 8, 2011.

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R. (Org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.